

Revisitar a Acumulação Primitiva na Era da Inteligência Artificial



Produzido por:

Vítor Lima

Partner na Crivosoft, Lda

Coordenador do MBA em Marketing Digital e eCommerce, no
ISLA Santarém - Instituto Politécnico



1.Introdução

A teoria da acumulação primitiva, introduzida por Karl Marx em *O Capital*, ocupa um lugar central na análise do nascimento e desenvolvimento do capitalismo.

Marx utilizou este conceito para explicar como a apropriação forçada dos meios de produção — terras, recursos e trabalho — permitiu a transição de uma economia feudal para um sistema capitalista industrial.

Contudo, as transformações económicas e tecnológicas dos últimos dois séculos levantam a questão: será que a acumulação primitiva, tal como descrita por Marx, permanece relevante na era da inteligência artificial?

Este ensaio argumenta que, longe de estar desatualizada, a teoria de Marx não só se mantém válida, mas se amplia e ganha novas dimensões no capitalismo digital contemporâneo.

A Atualidade do Conceito de Acumulação Primitiva

Marx descreveu a acumulação primitiva como um processo histórico violento, marcado pela despossessão de comunidades camponesas de suas terras e pela transformação de trabalhadores independentes em proletários assalariados.

Esta narrativa é fundamental para compreender a gênese das desigualdades estruturais que sustentam o capitalismo.

Para David Harvey, em *The New Imperialism* (2003), a acumulação primitiva é um processo contínuo que se renova em diferentes formas, incluindo a privatização de bens públicos, a exploração de recursos naturais e, mais recentemente, a apropriação de bens intangíveis, como dados e conhecimento.

No contexto da economia digital, a acumulação primitiva manifesta-se de formas inéditas.

As empresas de tecnologia, como a Google, a Amazon e a Meta, exemplificam novas formas de expropriação ao capturar dados pessoais e coletivos, transformando-os em propriedade privada e fonte de lucro.

Shoshana Zuboff, em *The Age of Surveillance Capitalism* (2019), descreve como o “capitalismo de vigilância” cria novas dinâmicas de exploração ao transformar a privacidade em mercadoria.

Assim, a lógica da acumulação primitiva estende-se do mundo físico para o digital, perpetuando desigualdades e concentrando poder em corporações globais.

A Transição do Proletariado ao Precariado

Outro aspecto central da teoria de Marx é a posição do proletariado como a classe explorada e revolucionária por excelência.

No entanto, na era da automatização e da inteligência artificial, o papel do proletariado industrial diminui.

Em seu lugar, emerge o precariado, termo cunhado por Guy Standing em *The Precariat: The New Dangerous Class* (2011), para descrever uma classe marcada pela precariedade laboral, insegurança económica e dependência de plataformas digitais.

Esta transição reflete mudanças estruturais no capitalismo, onde o trabalho físico dá lugar ao trabalho imaterial e a força de trabalho é fragmentada numa gig economy global.

As tecnologias de inteligência artificial intensificam esse fenómeno.

Enquanto o proletariado era definido pela venda da sua força de trabalho em fábricas, o precariado enfrenta uma nova forma de exploração mediada por plataformas digitais que expropriam o valor do trabalho, controlam as condições económicas e limitam a autonomia dos trabalhadores.

Esta mudança desafia as categorias tradicionais da análise marxista e exige uma atualização conceitual para compreender as novas dinâmicas de classe.

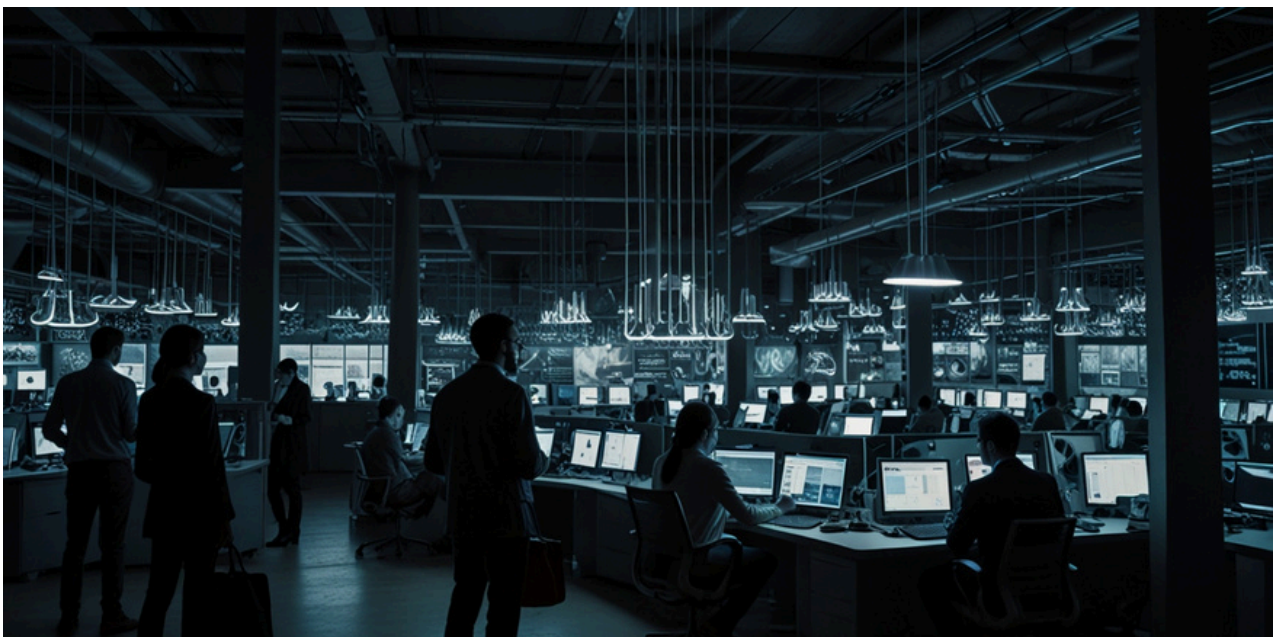
Objetivo e Estrutura do Ensaio

Este ensaio tem como objetivo revisitar e atualizar a teoria da acumulação primitiva à luz das transformações económicas, tecnológicas e sociais promovidas pela inteligência artificial e pelo capitalismo digital.

Argumenta-se que a acumulação primitiva não se limita ao início do capitalismo industrial, mas persiste como um processo fundamental para a expansão do capital nas suas novas formas.

Além disso, a análise explora como a transição do proletariado para o precariado reflete uma mudança estrutural no capitalismo contemporâneo.

Enquanto o proletariado era alienado dos meios de produção físicos, o precariado é alienado dos recursos digitais e intangíveis, como dados e conhecimento.



A estrutura do ensaio inclui:

1. A definição clássica de acumulação primitiva e a sua relevância histórica;
2. A evolução do capitalismo, do industrial ao digital;
3. A ampliação da acumulação primitiva para os intangíveis;
4. A emergência do precariado como classe central no capitalismo digital;
5. As implicações económicas, sociais e filosóficas deste processo.

Por meio de uma análise interdisciplinar que combina filosofia, sociologia, economia e antropologia, este ensaio argumenta que o pensamento de Marx, apesar das transformações históricas, permanece uma ferramenta indispensável para compreender e criticar as novas dinâmicas de exploração na era da inteligência artificial.

Referências Preliminares

Marx, Karl. *O Capital*.

Harvey, David. *The New Imperialism*.

Zuboff, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism*.

Standing, Guy. *The Precariat: The New Dangerous Class*.

Foucault, Michel. *Vigiar e Punir*.

Arendt, Hannah. *A Condição Humana*.

1. A Teoria da Acumulação Primitiva

A teoria da acumulação primitiva é um dos conceitos centrais em *O Capital* (1867), de Karl Marx.

Ela descreve o processo histórico pelo qual o sistema capitalista emergiu da dissolução das economias feudais e da expropriação violenta dos meios de produção anteriormente controlados por pequenos produtores.

A acumulação primitiva não é um processo de acumulação de riqueza por meios naturais ou pacíficos, mas um ato de despossessão, alienação e exploração que estabeleceu as condições necessárias para o surgimento do capitalismo industrial.

1.1. A Definição Original em Marx

Marx define a acumulação primitiva como “um processo histórico que dissolve o modo de produção feudal e estabelece os fundamentos do capitalismo”.

Para ele, a essência deste processo está na expropriação das terras dos camponeses e na destruição das economias comunais, o que forçou grande parte da população a transformar-se em proletariado urbano — trabalhadores assalariados desprovidos de qualquer posse dos meios de produção.

Como Marx afirma, “a acumulação primitiva nada mais é do que o processo histórico de separar o produtor direto dos meios de produção.” (*O Capital, Livro I, Capítulo XXVI*).

Esta separação cria o fundamento dual do capitalismo: por um lado, o capital, concentrado nas mãos de poucos, e, por outro, uma massa de trabalhadores dependentes da venda da sua força de trabalho para sobreviver.

1.2. Expropriação e Violência no Processo de Acumulação

Para Marx, a acumulação primitiva não é um processo “natural”, mas profundamente violento.

Ele descreve a transição histórica como marcada por cercamentos de terras comuns (os “enclosures”), pela privatização de recursos naturais e pela colonização.

A violência foi instrumental para destruir as economias tradicionais e transformar terras, matérias-primas e trabalho humano em mercadorias.

David Harvey, em *The New Imperialism* (2003), retoma esta ideia, argumentando que a acumulação por despossessão é um processo contínuo no capitalismo, manifestando-se na privatização de bens públicos, na financeirização da economia e na exploração dos recursos do Sul Global.

1.3. A Centralidade do Proletariado na Acumulação Primitiva

A teoria marxista posiciona o proletariado como o resultado direto deste processo.

O camponês expropriado, separado dos seus meios de subsistência, tornou-se a força de trabalho assalariada que sustentou o capitalismo industrial nascente.

Marx enfatiza que a criação desta classe foi fundamental para a acumulação de capital:

“O capital é trabalho morto, que só ganha vida ao sugar trabalho vivo, como um vampiro.” (*O Capital, Livro I, Capítulo X*).

Este vampirismo ilustra como a acumulação primitiva não só fundou o capitalismo, mas perpetuou-se por meio da exploração do proletariado, transformando o trabalho humano em lucro para a burguesia.

1.4. Críticas e Expansões do Conceito

Apesar da sua centralidade na obra de Marx, a acumulação primitiva tem sido debatida e expandida por diversos pensadores contemporâneos.

David Harvey argumenta que a acumulação primitiva não é um evento histórico único, mas um processo contínuo no capitalismo global.

Ele introduz o conceito de acumulação por despossessão, que abrange práticas modernas como privatizações, dívidas soberanas e a exploração de bens intangíveis, como propriedade intelectual e dados.

Shoshana Zuboff, em *The Age of Surveillance Capitalism* (2019), sugere que a economia digital trouxe uma nova forma de acumulação primitiva, baseada na captura de dados pessoais e na transformação da privacidade em mercadoria.

Ellen Meiksins Wood, em *The Origin of Capitalism* (1999), critica a ideia de que a acumulação primitiva foi um processo exclusivamente europeu, destacando as suas dimensões globais, incluindo o colonialismo e a escravidão.

1.5. A Atualidade da Acumulação Primitiva

Embora o conceito de acumulação primitiva tenha surgido para explicar a transição histórica para o capitalismo industrial, ele permanece relevante no contexto contemporâneo.

Hoje, a expropriação não ocorre apenas em terras e recursos físicos, mas também em bens intangíveis, como dados, conhecimento e cultura.

Além disso, as dinâmicas de acumulação estão profundamente ligadas ao avanço da inteligência artificial e da economia de plataformas, que dependem da captura de recursos imateriais e da exploração do trabalho digital.

Como Harvey e Zuboff argumentam, a lógica da acumulação primitiva não desapareceu, mas foi reconfigurada para ir ao encontro das necessidades do capitalismo digital.

Esta reconfiguração reforça a desigualdade global, concentrando riqueza e poder em monopólios digitais e criando novas formas de alienação e exploração.

1.6. Conclusão

A acumulação primitiva, como descrita por Marx, é um conceito que transcende o seu contexto histórico original.

A sua relevância na era da inteligência artificial e do capitalismo digital evidencia como os processos de expropriação, alienação e exploração permanecem centrais para a expansão do capital.

Este ponto estabelece a base para explorar como a acumulação primitiva evoluiu e se ampliou no contexto contemporâneo, levando ao surgimento de novas classes exploradas, como o precariado, e de novas formas de acumulação baseadas em intangíveis, como os dados.

Referências Fundamentais

Marx, Karl. *O Capital*.

Harvey, David. *The New Imperialism*.

Zuboff, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism*.

Meiksins Wood, Ellen. *The Origin of Capitalism: A Longer View*.

Federici, Silvia. *Caliban and the Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation*.

2. A Evolução do Capitalismo: Da Indústria ao Digital

O capitalismo, desde o seu surgimento, passou por diversas transformações estruturais que redefiniram as suas formas de produção, acumulação e exploração.

Estas mudanças refletem não só avanços tecnológicos, mas também alterações profundas na organização económica e social.

Este ponto examina a evolução do capitalismo desde a era industrial até ao capitalismo digital, destacando como estas transições reconfiguraram as dinâmicas de classe, os processos de acumulação e as relações de poder.

2.1. O Capitalismo Industrial e a Centralidade do Proletariado

O capitalismo industrial, que emergiu entre os séculos XVIII e XIX, foi marcado pela mecanização da produção e pela consolidação de uma classe operária industrial, o proletariado.

Esta fase foi caracterizada por:

- **Produção em massa:** A Revolução Industrial introduziu máquinas que aumentaram exponencialmente a produtividade, consolidando a fábrica como o principal local de produção;
- **Alienação do trabalho:** Karl Marx, em *Manuscritos Económico-Filosóficos de 1844*, destacou que o proletariado era alienado do produto do seu trabalho, do processo produtivo e da sua própria essência como ser humano;
- **Concentração urbana:** Grandes massas de trabalhadores migraram para cidades industriais, formando centros urbanos que simbolizavam tanto a modernidade como a desigualdade social.

O proletariado foi central no capitalismo industrial porque fornecia a força de trabalho que movia as engrenagens da produção.

Como Marx argumenta, a relação capitalista baseava-se na exploração do trabalhador, que criava mais valor do que recebia em salários, gerando a mais-valia essencial para o lucro do capitalista.

2.2. A Transição para o Capitalismo Financeiro e Globalizado

Entre os séculos XIX e XX, o capitalismo industrial deu lugar a novas formas de organização económica, incluindo:

- **Capitalismo financeiro:** A ascensão do capital financeiro deslocou o foco da produção física para a circulação de capital. Rudolf Hilferding, em *O Capital Financeiro (1910)*, argumenta que o capital industrial passou a ser subordinado ao capital financeiro, representando uma nova fase do capitalismo;
- **Globalização:** Com o avanço das tecnologias de transporte e comunicação, as cadeias de produção e consumo tornaram-se globais. David Harvey, em *The Condition of Postmodernity (1990)*, descreveu este processo como “compressão espaço-tempo”, em que a globalização reduziu as barreiras geográficas para o capital;
- **Desindustrialização:** Nos países desenvolvidos, a produção industrial começou a migrar para o Sul Global, levando à desindustrialização das economias do Norte e ao crescimento de setores de serviços e tecnologia.

3.5. Consequências para os Consumidores e a Sociedade

A “mão visível” das plataformas digitais centraliza poder económico, mas também gera consequências sociais e políticas significativas:

Desigualdades Económicas

O controlo das plataformas sobre mercados e dados exacerba as desigualdades, concentrando riqueza em poucas corporações e indivíduos.

Piketty (2013) argumenta que esta dinâmica é uma extensão do capitalismo tradicional, mas com novas ferramentas de extração de valor.

Perda de Autonomia do Consumidor

O design das plataformas frequentemente manipula os consumidores, limitando a sua capacidade de tomar decisões informadas.

Como observa Sunstein (2014) em *Nudge*, o ambiente digital é projetado para direcionar comportamentos de maneiras que beneficiam as plataformas, não os utilizadores.

2.3. O Capitalismo Digital: Plataformas, Dados e Inteligência Artificial

O advento das tecnologias digitais, especialmente nas últimas décadas, trouxe uma nova transformação para o capitalismo.

Este modelo é frequentemente chamado de capitalismo de plataformas ou capitalismo digital, como descrito por Nick Srnicek em *Platform Capitalism* (2017).

Algumas de suas características centrais incluem:

- **Plataformas digitais como mediadoras económicas:** Empresas como a Amazon, a Google e a Uber dominam os mercados ao atuar como intermediárias em transações económicas, acumulando riqueza e poder;
- **Dados como recurso central:** Diferentemente do capital industrial, o capitalismo digital depende da recolha, processamento e monetização de dados. Shoshana Zuboff, em *The Age of Surveillance Capitalism* (2019), argumenta que os dados pessoais são extraídos e explorados como uma nova forma de “mais-valia”;
- **Automatização e inteligência artificial:** A inteligência artificial (IA) permitiu avanços significativos na eficiência produtiva, mas também intensificou a alienação do trabalho. Máquinas inteligentes substituem trabalhadores em vários setores, enquanto algoritmos controlam decisões económicas e sociais, frequentemente sem supervisão humana.

2.4. A Nova Configuração de Classes no Capitalismo Digital

Com a transição para o capitalismo digital, a estrutura de classes sofreu alterações significativas.

A classe operária tradicional, ou proletariado, perdeu centralidade em muitos setores económicos, sendo substituída por novas configurações, como:

- **O precariado:** Guy Standing, em *The Precariat: The New Dangerous Class (2011)*, define o precariado como uma classe emergente caracterizada pela instabilidade laboral, pela ausência de proteção social e pela dependência de plataformas digitais;
- **A elite tecnológica:** No topo da pirâmide, surgiram tecnocratas e empresários que controlam as grandes empresas de tecnologia e detêm o poder sobre os dados e as plataformas digitais;
- **Trabalhadores informais e gig workers:** A economia digital fragmentou o trabalho em tarefas, muitas vezes realizadas por trabalhadores precarizados sem contratos formais, direitos ou estabilidade.

2.5. Desafios e Contradições do Capitalismo Digital

Embora o capitalismo digital represente um avanço tecnológico sem precedentes, ele também gera contradições e desigualdades profundas, incluindo:

- **Concentração de poder:** Empresas como a Google, a Amazon e a Meta monopolizam mercados inteiros, controlando dados e recursos de forma semelhante às grandes corporações industriais do passado;
- **Desigualdade global:** A riqueza gerada pelo capitalismo digital está concentrada em poucos países e empresas, enquanto grande parte da população global permanece marginalizada;
- **Alienação renovada:** A alienação descrita por Marx no capitalismo industrial reaparece sob novas formas, como a alienação digital. Trabalhadores e consumidores muitas vezes desconhecem como os seus dados são usados ou como o seu trabalho contribui para a acumulação de capital.



2.6. A Relação entre Capitalismo Digital e Acumulação Primitiva

O capitalismo digital não só transforma os modos de produção, mas também redefine os processos de acumulação primitiva

.

David Harvey destaca que a expropriação no capitalismo digital ocorre por meio da privatização de recursos imateriais, como dados, conhecimento e criatividade.

Esta dinâmica cria novas formas de despossessão e exploração que perpetuam as desigualdades estruturais do capitalismo.

2.7. Conclusão

A evolução do capitalismo, da era industrial à digital, revela tanto a resiliência quanto a adaptabilidade do sistema.

Enquanto o capitalismo industrial dependia da exploração do proletariado nas fábricas, o capitalismo digital desloca a sua lógica para a exploração de dados e da força de trabalho precarizada.

Esta transformação destaca a relevância contínua das teorias marxistas para compreender as dinâmicas económicas e sociais contemporâneas, ao mesmo tempo que exige uma atualização conceitual para abarcar as novas formas de exploração e acumulação.

Referências Fundamentais

Marx, Karl. *O Capital*.

Harvey, David. *The Condition of Postmodernity e The New Imperialism*.

Zuboff, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism*.

Srnicek, Nick. *Platform Capitalism*.

Standing, Guy. *The Precariat: The New Dangerous Class*.

Hilferding, Rudolf. *O Capital Financeiro*.

Fuchs, Christian. *Digital Labour and Karl Marx*.

3. Acumulação Primitiva na Era Digital: Da Terra aos Dados

A acumulação primitiva, como descrita por Karl Marx em *O Capital*, fundamentava-se na expropriação de terras, recursos e meios de produção que possibilitaram a formação inicial do capitalismo industrial.

No entanto, na era digital, o processo de acumulação transformou-se profundamente.

Se antes a terra e os bens materiais estavam no centro do processo, hoje, dados e informações assumem esse papel, formando a base do que Shoshana Zuboff chama de “capitalismo de vigilância”.

Este ponto explora como a lógica da acumulação primitiva evoluiu na era digital, refletindo sobre as suas manifestações contemporâneas, contradições e impactos sociais.

3.1. Revisão da Acumulação Primitiva em Marx

Marx define a acumulação primitiva como o processo histórico de despossessão que separou os trabalhadores dos meios de produção, criando as condições para o capitalismo.

Ele afirma que “a acumulação primitiva desempenha na economia política aproximadamente o mesmo papel que o pecado original na teologia.” (*O Capital, Livro I, Capítulo XXVI*).

Este processo, segundo Marx, envolveu cercamentos de terras, privatização de bens comuns e violência sistêmica para forçar os camponeses a tornarem-se trabalhadores assalariados.

No entanto, a essência da acumulação primitiva — a conversão de algo previamente acessível ou comunal em propriedade privada e mercadoria — permanece central, mas deslocada para novos terrenos, como o digital.

3.2. Dados: O Novo Território da Acumulação

No capitalismo digital, os dados tornaram-se os recursos mais valiosos.

Assim como as terras eram expropriadas no capitalismo agrário, hoje, a extração e apropriação de dados constituem-se como a base de um novo processo de acumulação.

Alguns exemplos:

- **Privatização de dados pessoais:** Empresas como a Google, a Meta e a Amazon operam com base na recolha massiva de dados gerados por utilizadores. Informações que antes eram privadas ou públicas, como preferências, localização e comportamentos, agora são mercantilizadas;
- **Desposseção digital:** Utilizadores, frequentemente sem consciência ou consentimento explícito, são despojados da sua privacidade e do seu controlo sobre os dados. Isso reflete um processo análogo aos cercamentos da era feudal, em que bens comuns eram apropriados por elites económicas;
- **Monetização da atenção:** Além dos dados, a atenção humana tornou-se um recurso central. Tristan Harris, no seu trabalho sobre a “economia da atenção”, destaca que as plataformas digitais projetam interfaces para capturar e manipular o tempo dos utilizadores, maximizando o envolvimento e, conseqüentemente, os lucros.



3.3. Acumulação Primitiva e Inteligência Artificial

A inteligência artificial (IA) é alimentada pela exploração de grandes volumes de dados, o que reforça os processos de acumulação primitiva digital:

- **Extração de dados massiva:** Modelos de IA, como GPTs e sistemas de aprendizagem profunda (deep learning), dependem de datasets massivos, frequentemente extraídos sem compensação ou consentimento dos produtores originais (ex.: criadores de conteúdo, utilizadores de redes sociais, pesquisadores);
- **Concentração de poder:** Empresas que controlam os maiores volumes de dados, como a Microsoft, a Google e a OpenAI, detêm vantagem competitiva, criando novos monopólios digitais. Esta concentração lembra o controlo da terra por uma elite no capitalismo agrário;
- **Implicações éticas:** A apropriação de dados gerados coletivamente levanta questões éticas e políticas. Christian Fuchs, em *Digital Labour and Karl Marx (2014)*, argumenta que a extração de dados representa uma nova forma de exploração digital que mantém e intensifica a desigualdade.

3.4. Comparações com a Era Industrial

Assim como a acumulação primitiva do capitalismo industrial despojou os camponeses das suas terras e meios de subsistência, o capitalismo digital despoja os indivíduos dos seus dados, privacidade e controlo sobre as suas informações pessoais.

As semelhanças incluem:

- **Violência estrutural:** Embora menos visível, o capitalismo digital emprega uma violência estrutural por meio de contratos de adesão, algoritmos opacos e práticas predatórias;
- **Criação de novas classes exploradas:** Assim como o proletariado foi forjado no capitalismo industrial, o capitalismo digital cria novas classes precarizadas, como os gig workers e utilizadores transformados em “produtores de dados involuntários”;
- **Expansão da mercantilização:** O que antes era comunal ou não monetizado (ex.: terras, recursos naturais) agora aplica-se a intangíveis como dados e informações.

3.5. Impactos Sociais e Económicos

A acumulação primitiva na era digital tem efeitos profundos:

- **Desigualdade digital:** A riqueza gerada por dados está concentrada em poucas empresas e países, enquanto a maioria dos utilizadores não recebe qualquer compensação pela exploração das suas informações;
- **Perda de autonomia:** A expropriação de dados pessoais reduz a autonomia individual, enquanto algoritmos baseados nestes dados moldam comportamentos e decisões de consumo;
- **Precarização do trabalho:** O trabalho digital, como na economia de plataformas (Uber, Amazon Mechanical Turk), combina exploração intensificada com instabilidade e falta de direitos dos trabalhadores.

3.6. A Persistência da Lógica da Acumulação

A lógica da acumulação primitiva permanece no capitalismo digital, mas com adaptações.

David Harvey, em *The New Imperialism (2003)*, descreve isso como “acumulação por despossessão”, um processo contínuo de expropriação que ocorre em novas dimensões, como a propriedade intelectual, o conhecimento e a cultura digital.

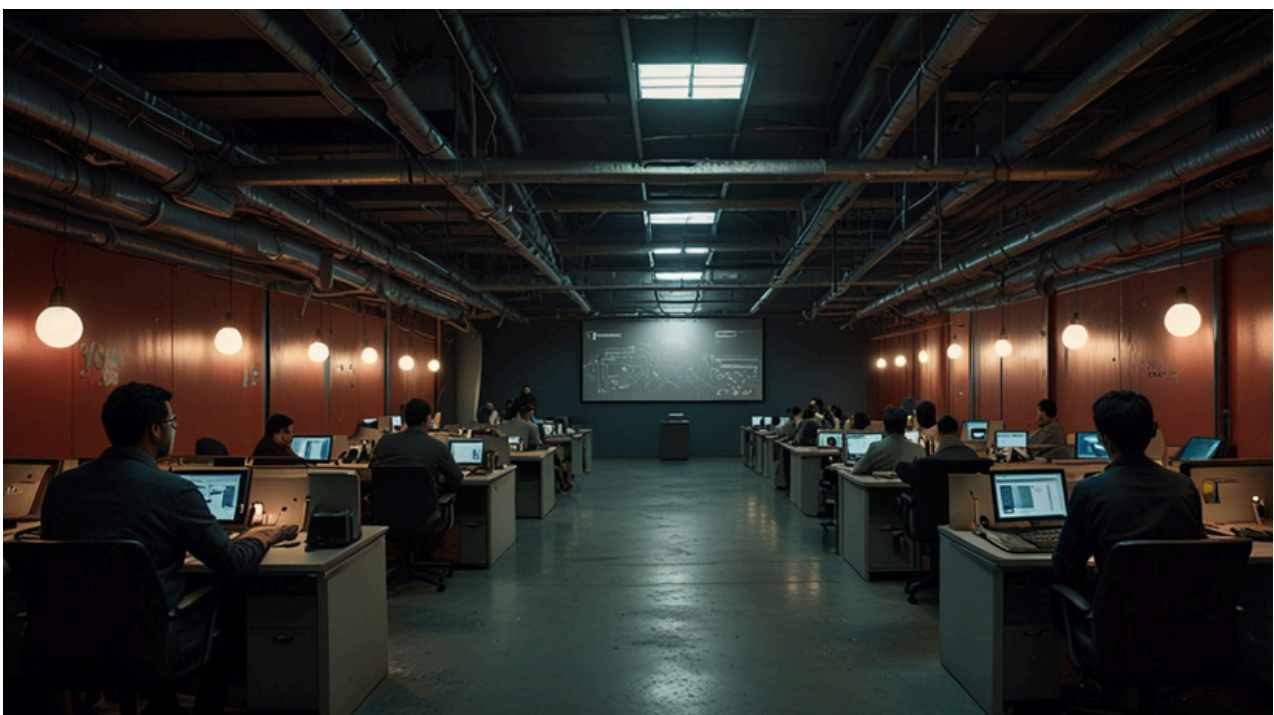
Esta visão reforça que a acumulação primitiva não é apenas um fenómeno histórico, mas uma característica intrínseca do capitalismo.

3.7. Conclusão: Do Proletariado ao Precariado Digital

Se a acumulação primitiva no capitalismo industrial criou o proletariado como classe explorada, no capitalismo digital ela fomenta a emergência do precariado.

Guy Standing, em *The Precariat: The New Dangerous Class* (2011), descreve esta classe como composta por trabalhadores precarizados, sem estabilidade ou proteção social, e por utilizadores cujos dados são sistematicamente explorados.

Esta transição reflete como o capitalismo digital reformula as dinâmicas de exploração, mantendo a relevância das teorias marxistas para compreender as contradições do presente.



Referências Fundamentais

Marx, Karl. *O Capital*.

Harvey, David. *The New Imperialism*.

Zuboff, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism*.

Fuchs, Christian. *Digital Labour and Karl Marx*.

Standing, Guy. *The Precariat: The New Dangerous Class*.

Harris, Tristan. *The Social Dilemma*.

4. A Criação do Precariado: A Nova Classe Explorada

Na era da inteligência artificial e do capitalismo digital, emergiu uma nova classe social caracterizada pela instabilidade, pela ausência de proteção social e pela precarização do trabalho: o precariado.

Este conceito, amplamente explorado por Guy Standing em *The Precariat: The New Dangerous Class (2011)*, descreve indivíduos que vivem sob condições de insegurança estrutural, com vínculos trabalhistas frágeis e uma desconexão crescente das instituições tradicionais de proteção social.

Este ponto examina a formação e a exploração do precariado, situando-o como um desdobramento histórico do proletariado descrito por Karl Marx.

4.1. A Transição do Proletariado ao Precariado

O proletariado, conforme definido por Marx, era a classe trabalhadora que vendia a sua força de trabalho em troca de salários, sendo essencial para o funcionamento do capitalismo industrial.

No entanto, mudanças económicas e tecnológicas deslocaram esta centralidade:

- **Declínio da produção industrial:** A globalização e a automatização deslocaram indústrias tradicionais para economias periféricas, desindustrializando o Norte Global e reduzindo o papel do proletariado industrial;
- **Fragmentação do trabalho:** No capitalismo digital, o trabalho tornou-se mais segmentado, fragmentado e temporário, resultando num distanciamento da relação clássica entre trabalho e salário;
- **Precarização estrutural:** O precariado é caracterizado pela falta de contratos formais, benefícios dos trabalhadores e estabilidade, colocando-o numa posição estruturalmente mais vulnerável que o proletariado industrial.

Guy Standing argumenta que o precariado é uma classe à parte, distinta do proletariado, pois carece de segurança no emprego, direitos adquiridos e uma identidade coletiva clara.

4.2. Características do Precariado no Capitalismo Digital

No capitalismo digital, o precariado é composto por trabalhadores inseridos em relações de produção profundamente precarizadas, frequentemente mediadas por plataformas digitais e algoritmos.

As suas características incluem:

- **Insegurança económica:** A remuneração do precariado é irregular e insuficiente, dependendo de tarefas pontuais e plataformas como Uber, Amazon Mechanical Turk e Deliveroo;
- **Fragmentação do trabalho:** As atividades são reduzidas a microtarefas, desprovidas de continuidade ou significado, exacerbando a alienação. Christian Fuchs, em *Digital Labour and Karl Marx (2014)*, argumenta que o trabalho digital reproduz a alienação descrita por Marx, agora sob novas formas tecnológicas;
- **Ausência de proteção social:** O precariado opera numa “zona cinzenta” de regulamentação, sem direitos trabalhistas, como férias, seguro-saúde ou aposentadoria;
- **Controlo algorítmico:** Plataformas digitais utilizam algoritmos para supervisionar e avaliar trabalhadores, reforçando relações de poder assimétricas. Phil Jones, em *Work Without the Worker (2021)*, descreve como algoritmos substituem supervisores tradicionais, intensificando a exploração.

4.3. A Nova Forma de Exploração: Dados e Atenção

Além da exploração clássica da força de trabalho, o precariado também é explorado de formas imateriais:

- **Exploração de dados:** Trabalhadores digitais e utilizadores de plataformas produzem dados continuamente, que são extraídos, analisados e monetizados por empresas. Shoshana Zuboff, em *The Age of Surveillance Capitalism* (2019), descreve este processo como uma “colonização do comportamento humano”;
- **Economia da atenção:** A monetização do tempo e da atenção dos trabalhadores e consumidores aprofunda a exploração, com plataformas projetadas para maximizar o envolvimento e lucrar com a distração contínua. Tristan Harris, em *The Social Dilemma*, destaca como interfaces digitais manipulam o comportamento para servir aos interesses corporativos.

4.4. O Impacto da Automatização e da Inteligência Artificial

A automatização e a inteligência artificial intensificaram a precarização do trabalho, deslocando empregos tradicionais e criando novos desafios para o precariado:

- **Deslocamento do trabalho humano:** A automatização substitui trabalhadores em setores como transporte, manufatura e serviços, levando à “destruição criativa” descrita por Joseph Schumpeter;
- **Dependência de plataformas:** Trabalhadores deslocados frequentemente recorrem a empregos mediados por plataformas digitais, que oferecem baixos salários e nenhuma segurança;
- **Crescimento da gig economy:** A economia de “bicos” transforma o emprego formal em contratos temporários ou informais, promovendo a instabilidade.

O Fórum Económico Mundial (2020) prevê que, enquanto a automatização criará novos empregos, muitos deles estarão concentrados em setores altamente precários e desregulamentados.

4.5. A Fragmentação da Identidade de Classe

Uma das diferenças mais marcantes entre o proletariado e o precariado é a ausência de uma identidade coletiva clara na nova classe explorada:

- **Falta de organização sindical:** Enquanto o proletariado industrial era amplamente sindicalizado, o precariado opera em setores onde a organização coletiva é difícil ou desincentivada;
- **Heterogeneidade interna:** O precariado inclui uma ampla gama de trabalhadores, desde gig workers a freelancers e trabalhadores informais, dificultando a formação de uma solidariedade de classe;
- **Alienação política:** Guy Standing argumenta que o precariado é politicamente alienado, muitas vezes desconfiado das instituições tradicionais e suscetível a discursos populistas.



4.6. Perspetivas de Transformação: Do Precariado à Nova Consciência de Classe

Embora fragmentado, o precariado tem potencial para se organizar e reivindicar mudanças estruturais:

- **Novas formas de sindicalismo:** Movimentos como os Riders United e o Gig Workers Collective mostram que é possível organizar os trabalhadores digitais para lutar por direitos e melhores condições;
- **Regulação das plataformas:** Países como Espanha e estados como a Califórnia têm implementado leis para garantir direitos dos trabalhadores das plataformas digitais;
- **Renda básica universal:** Guy Standing defende que uma renda básica pode reduzir a insegurança do precariado, proporcionando maior liberdade e dignidade aos trabalhadores.

4.7. Conclusão: A Centralidade do Precariado no Capitalismo Digital

O precariado é a classe central do capitalismo digital, assim como o proletariado foi para o capitalismo industrial.

A exploração da sua força de trabalho, dados e atenção reflete as contradições fundamentais do sistema atual.

Embora profundamente precarizado, o precariado também representa uma força potencial de transformação, desafiando a desigualdade e propondo novas formas de organização social e económica.



Referências Fundamentais

Marx, Karl. *O Capital*.

Standing, Guy. *The Precariat: The New Dangerous Class*.

Zuboff, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism*.

Fuchs, Christian. *Digital Labour and Karl Marx*.

Harris, Tristan. *The Social Dilemma*.

Jones, Phil. *Work Without the Worker*.

Fórum Econômico Mundial. *The Future of Jobs Report 2020*.

5. O Papel da Inteligência Artificial na Nova Acumulação Primitiva

A inteligência artificial (IA) é hoje um dos principais instrumentos do capitalismo contemporâneo para perpetuar a lógica da acumulação primitiva, conceito central na teoria de Karl Marx.

Na era digital, a IA permite uma nova forma de despossessão: ela transforma dados, conhecimento, trabalho humano e até aspectos do comportamento em mercadorias lucrativas.

Este processo amplia a acumulação primitiva para além da terra e do capital físico, consolidando a exploração num sistema globalizado e tecnocêntrico.

5.1. Revistar a Acumulação Primitiva no Contexto da IA

Karl Marx descreveu a acumulação primitiva como o processo histórico de separação dos trabalhadores dos meios de produção, marcando a transição para o capitalismo.

Este processo envolveu expropriação, violência e a formação de um mercado de trabalho baseado na necessidade.

Hoje, a IA opera como uma ferramenta desta despossessão em três dimensões:

- **Dados como nova matéria-prima:** A IA recolhe, processa e monetiza dados pessoais e coletivos, transformando-os em ativos económicos;
- **Conhecimento coletivo apropriado:** Sistemas de IA utilizam informações históricas, culturais e académicas para gerar valor, sem compensação adequada às fontes originais;
- **Deslocamento do trabalho humano:** A automatização baseada em IA substitui empregos tradicionais e cria novas formas de precarização.

David Harvey (2003), na sua formulação de “acumulação por despossessão”, destaca que estas dinâmicas são uma extensão contínua do capitalismo, adaptadas às condições do presente.



5.2. A Extração de Dados como Violência Sistêmica

Na era da IA, os dados são frequentemente comparados ao petróleo, servindo como a base sobre a qual as maiores empresas do mundo geram valor.

Esta analogia, no entanto, subestima a violência estrutural envolvida na extração de dados:

- **Apropriação não consentida:** Plataformas digitais como a Google, a Meta e a Amazon capturam vastas quantidades de dados pessoais, muitas vezes sem consentimento explícito, num processo que Shoshana Zuboff (2019) chama de “capitalismo de vigilância”;
- **Monopólios digitais:** Grandes corporações utilizam a IA para consolidar o controlo sobre mercados inteiros, criando um novo tipo de “cerca” digital;
- **Colonização comportamental:** A IA analisa e manipula comportamentos humanos, transformando interações cotidianas em inputs económicos. Isto reflete uma nova forma de despossessão, na qual as liberdades individuais são subordinadas aos interesses do capital.

5.3. A IA como Ferramenta de Apropriação de Conhecimento

A IA não só recolhe dados; ela também transforma conhecimento humano coletivo em propriedade privada corporativa:

- **Formação em conteúdos não remunerados:** Modelos de IA como o GPT-4 utilizam textos, imagens e músicas criados por pessoas sem oferecer compensação justa, violando princípios de propriedade intelectual;
- **Cercas do conhecimento:** Assim como o capitalismo industrial cercou terras para fins privados, o capitalismo digital cerca o conhecimento coletivo, convertendo-o em capital exclusivo. Christian Fuchs (2014) aponta que este processo é uma forma de alienação adaptada à era da informação;
- **Automatização do trabalho criativo:** Ferramentas de IA substituem trabalhadores em áreas como design, jornalismo e tradução, gerando lucro sem redistribuição de valor.

5.4. Automação e a Nova Alienação

A IA intensifica a alienação descrita por Marx, criando novas formas de separação entre o trabalhador e os frutos de seu trabalho:

- **Despersonalização do trabalho:** A automação transforma trabalhadores em meros operadores de sistemas, eliminando a criatividade e a agência humana;
- **Controlo algorítmico:** Plataformas como Uber e Amazon utilizam IA para monitorar e gerir trabalhadores, ampliando a supervisão e reduzindo a autonomia. Phil Jones (2021), em *Work Without the Worker*, argumenta que isso representa uma nova forma de “trabalho invisível”;
- **Precarização estrutural:** A IA desloca empregos tradicionais, gerando uma classe trabalhadora altamente precarizada, o que reforça a formação do precariado (Standing, 2011).



5.5. O Impacto Global da IA na Acumulação Primitiva

O impacto da IA na acumulação primitiva não é uniforme; ele é globalmente desigual, reproduzindo as dinâmicas do colonialismo e da exploração:

- **Colonialismo digital:** Economias periféricas fornecem matéria-prima (dados) e trabalho barato para empresas de tecnologia do Norte Global, perpetuando a dependência económica;
- **Extração de recursos físicos:** A infraestrutura da IA depende de minerais raros, como lítio e cobalto, frequentemente extraídos sob condições exploratórias no Sul Global. Tal reflete a continuidade do extrativismo descrito por Marx;
- **Desigualdade tecnológica:** A concentração de poder em poucas corporações e países aprofunda as desigualdades, criando “zonas de exclusão” digital.

5.6. A Nova Configuração da Acumulação Primitiva

Com a IA, a acumulação primitiva não é mais apenas um processo histórico, mas uma dinâmica contínua que molda o capitalismo contemporâneo.

As suas principais características incluem:

- **Expansão para o intangível:** Recursos imateriais, como dados e atenção, tornaram-se os novos objetos de despossessão;
- **Automatização da exploração:** A IA reduz os custos de produção e gestão, aumentando a margem de lucro, enquanto agrava a desigualdade;
- **Despossessão de direitos digitais:** Indivíduos perdem o controlo sobre os seus dados, comportamentos e autonomia num ambiente regulado por algoritmos.



5.8. Conclusão: A IA como Mecanismo Central do Capitalismo Contemporâneo

A inteligência artificial é o motor da nova acumulação primitiva, adaptando a lógica de expropriação descrita por Marx para a era digital.

Ao transformar dados, conhecimento e comportamento humano em mercadorias, a IA consolida novas formas de exploração e concentração de poder.

Embora isso evidencie a relevância da teoria marxista, também aponta para a urgência de repensar os fundamentos éticos, económicos e políticos da sociedade contemporânea.



Referências Fundamentais

Marx, Karl. *O Capital*.

Harvey, David. *The New Imperialism*.

Zuboff, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism*.

Fuchs, Christian. *Digital Labour and Karl Marx*.

Jones, Phil. *Work Without the Worker*.

Standing, Guy. *The Precariat: The New Dangerous Class*.

Fórum Econômico Mundial. *The Future of Jobs Report 2020*.

6. Relação entre Proletariado, Precariado e Capitalismo Digital

A transição do capitalismo industrial para o capitalismo digital provocou mudanças estruturais nas relações de classe, desafiando a concepção marxista tradicional do proletariado e dando origem ao conceito de precariado.

O capitalismo digital, sustentado por dados, inteligência artificial (IA) e plataformas tecnológicas, não só reformulou os meios de produção, mas também reconfigurou as formas de exploração e alienação.

Este novo cenário exige uma análise mais detalhada sobre como o proletariado, historicamente a classe central no pensamento marxista, foi transformado, enquanto o precariado emerge como a nova classe vulnerável.

6.1. O Proletariado no Contexto Marxista Clássico

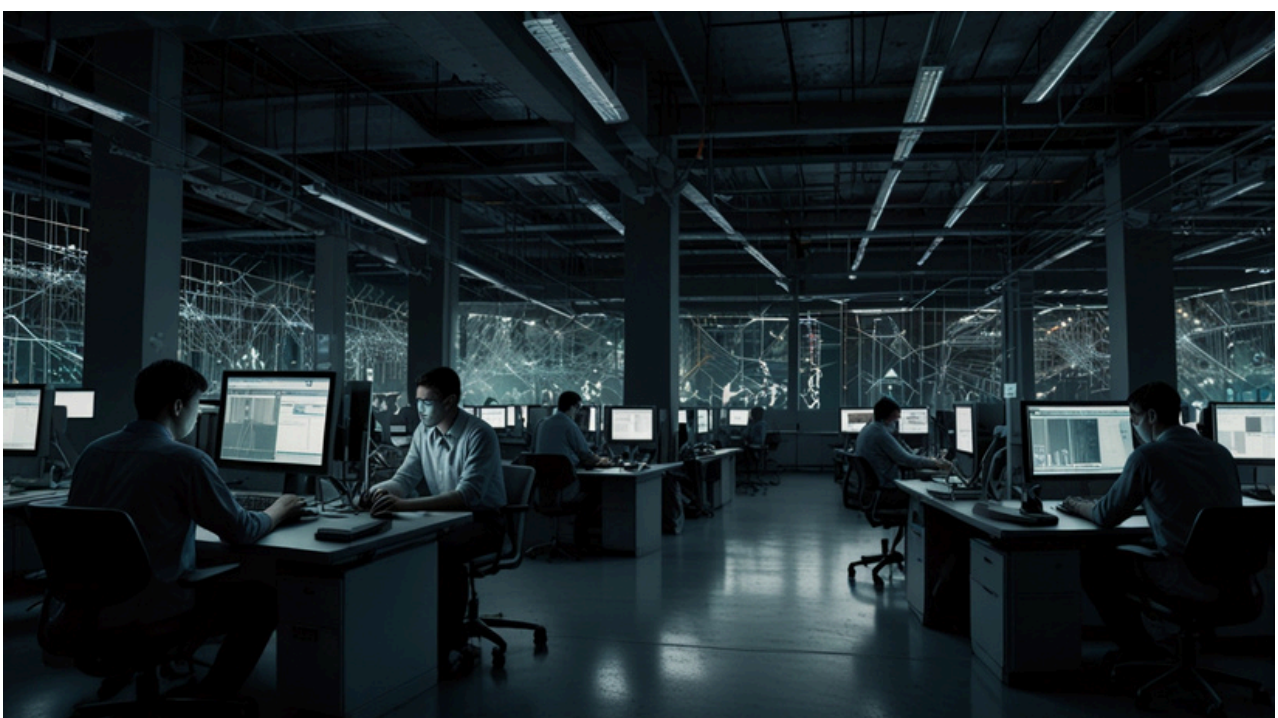
No pensamento marxista, o proletariado é a classe que, desprovida dos meios de produção, só possui a sua força de trabalho para vender.

Esta classe foi historicamente o agente revolucionário potencial, central para a superação do capitalismo.

Características principais do proletariado incluem:

- **Alienação do trabalho:** O trabalhador é separado dos frutos de seu trabalho, que são apropriados pelo capitalista;
- **Relação direta com os meios de produção:** A exploração do proletariado ocorre no contexto da produção material, como na fábrica ou no campo;
- **Unidade de classe:** A experiência partilhada de exploração fomentava a possibilidade de consciência de classe, essencial para a transformação revolucionária (Marx e Engels, *Manifesto Comunista*).

No entanto, no capitalismo digital, estas características estão a ser fragmentadas, com profundas implicações para a análise marxista.



6.2. O Precariado: Uma Nova Classe em Formação

Guy Standing, em *The Precariat: The New Dangerous Class* (2011), introduziu o conceito de precariado para descrever uma classe emergente, caracterizada por insegurança económica, fragmentação e alienação.

O precariado não substitui completamente o proletariado, mas reflete as novas condições de trabalho e exploração no capitalismo contemporâneo.

As suas características incluem:

- **Insegurança estrutural:** Contratos temporários, ausência de benefícios e instabilidade definem o precariado;
- **Diversidade interna:** Ao contrário do proletariado industrial, o precariado é heterogéneo, composto por freelancers, trabalhadores de aplicativos, académicos precarizados e outros;
- **Falta de identidade de classe:** A fragmentação dificulta a formação de uma consciência coletiva e a articulação de movimentos organizados.

O precariado é uma consequência direta do capitalismo digital, que explora a flexibilidade, a conectividade e a precarização como elementos centrais para a acumulação de capital.

6.3. O Capitalismo Digital como Transformador das Relações de Classe

O capitalismo digital altera a dinâmica do trabalho e da exploração, reformulando tanto o proletariado como o precariado.

As suas principais características incluem:

- **A centralidade dos dados:** O valor económico não está mais centrado apenas na produção material, mas também na extração de dados, comportamento e atenção;
- **Automatização e IA:** A inteligência artificial substitui empregos tradicionais, aumentando o desemprego estrutural e criando novas formas de precarização;
- **Plataformas como intermediárias:** Empresas como a Uber, a Amazon e a Deliveroo não empregam diretamente trabalhadores, mas conectam-nos com os consumidores, reduzindo responsabilidades e direitos dos trabalhadores.

Estas mudanças fragmentam o proletariado tradicional e criam novas formas de exploração, ampliando a precarização.

6.4. Semelhanças e Diferenças Entre Proletariado e Precariado

Embora o precariado partilhe algumas características com o proletariado, ele também apresenta diferenças fundamentais.

Aspectos	Proletariado	Precariado
Base da exploração	Venda da força de trabalho em produção material	Trabalho flexível, plataformas e dados
Estabilidade	Empregos estáveis, ainda que exploratórios	Contratos temporários e instabilidade crónica
Conexão com os meios de produção	Diretamente envolvidos na produção	Desconectados e sujeitos às plataformas
Consciência de classe	Potencialmente forte, fomentada por experiências partilhadas	Fragmentada, devido à heterogeneidade

Estas distinções destacam como o capitalismo digital reformula os conceitos de trabalho e classe.

6.5. A Alienação no Capitalismo Digital

Marx descreveu a alienação como a separação entre o trabalhador e os frutos do seu trabalho.

No capitalismo digital, esta alienação assume novas formas:

- **Alienação dos dados:** O trabalhador ou consumidor não tem controlo sobre os dados que gera, que são apropriados por corporações;
- **Despersonalização do trabalho:** As plataformas digitais tratam os trabalhadores como números em sistemas algorítmicos, intensificando a sensação de invisibilidade;
- **Colonização do tempo e atenção:** A exploração não se limita mais ao horário de trabalho, mas estende-se para a vida cotidiana, através do uso de redes sociais e aplicativos.

Estas formas de alienação tornam o precariado ainda mais vulnerável do que o proletariado industrial.

6.6. O Futuro do Trabalho: Para Onde Caminhamos?

À medida que o capitalismo digital evolui, surge a questão de como estas transformações impactarão a luta de classes e a mobilização social.

Algumas possibilidades incluem:

- **Novos movimentos de resistência:** Apesar de fragmentado, o precariado tem potencial para se organizar em torno de exigências comuns, como a proteção de direitos digitais e a garantia de segurança económica;
- **A relevância do rendimento básico universal:** Guy Standing (2017) defende que o rendimento básico universal pode oferecer uma rede de segurança para o precariado, mitigando os impactos da precarização;
- **A luta por direitos digitais:** Como os dados se tornaram um novo meio de produção, trabalhadores e consumidores devem reivindicar maior controlo sobre a sua utilização.

6.7. Marxismo e a Necessidade de Reinterpretação

O pensamento marxista continua relevante, mas deve ser reinterpretado para incluir as transformações promovidas pelo capitalismo digital.

A transição do proletariado para o precariado exige uma análise mais ampla das novas formas de exploração, alienação e luta de classes.

Como argumenta Christian Fuchs (*Digital Labour and Karl Marx, 2014*), *a aplicação do marxismo à era digital permite compreender a dinâmica do capitalismo contemporâneo e formular estratégias de resistência.*

6.8. Conclusão

O capitalismo digital transforma profundamente as relações de classe, substituindo o proletariado como agente central da exploração pelo precariado, uma classe vulnerável e fragmentada.

No entanto, tanto o proletariado como o precariado partilham uma condição comum: a alienação e a exploração contínuas sob o capitalismo.

O desafio para pensadores, políticos e movimentos sociais é reconhecer estas mudanças e desenvolver respostas que promovam justiça social e económica num mundo cada vez mais digital.

Referências Fundamentais

Marx, Karl. *O Capital*.

Standing, Guy. *The Precariat: The New Dangerous Class*.

Fuchs, Christian. *Digital Labour and Karl Marx*.

Zuboff, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism*.

Harvey, David. *Seventeen Contradictions and the End of Capitalism*.

Jones, Phil. *Work Without the Worker*.

7. Desafios e Possibilidades para a Organização do Precariado

A organização de classes exploradas sempre foi central para a resistência ao capitalismo.

No entanto, o precariado, ao contrário do proletariado industrial, enfrenta desafios significativos para desenvolver uma consciência de classe e estruturas organizacionais.

A fragmentação, a heterogeneidade e a natureza fluida do trabalho digital dificultam a formação de movimentos coesos.

Por outro lado, as novas formas de tecnologia e redes sociais também abrem possibilidades inéditas para a articulação política e económica desta nova classe.



7.1. Fragmentação e Insegurança Estrutural

Guy Standing, em *The Precariat: The New Dangerous Class* (2011), identifica três principais dimensões da fragmentação do precariado:

- **Heterogeneidade ocupacional:** O precariado inclui freelancers, trabalhadores de plataformas, académicos precarizados e trabalhadores informais. Esta diversidade dificulta a identificação de interesses comuns;
- **Insegurança económica:** Contratos temporários e ausência de benefícios minam a estabilidade necessária para a organização política, conforme apontado por Richard Sennett em *The Corrosion of Character* (1998);
- **Desconexão dos meios de produção:** Ao contrário do proletariado, que era diretamente ligado aos meios de produção industrial, o precariado está sujeito a intermediários tecnológicos, como plataformas digitais, o que reduz o controlo sobre o processo de trabalho.

Esta fragmentação cria o que Zygmunt Bauman chamou de “individualização estrutural” (*Liquid Modernity*, 2000), onde a luta coletiva é substituída por estratégias individuais de sobrevivência.

7.2. A Falta de Identidade de Classe

Marx acreditava que a experiência partilhada da exploração industrial poderia levar à formação de uma consciência de classe proletária.

Para o precariado, no entanto, a ausência de um local fixo de trabalho e a dependência de algoritmos reduzem os espaços de socialização e interação que poderiam fomentar tal consciência.

Como ressalta David Harvey em *Seventeen Contradictions and the End of Capitalism* (2014), a fragmentação tecnológica dificulta a articulação da solidariedade entre os explorados.

Além disso, a natureza efêmera do trabalho precarizado torna difícil identificar um “inimigo” claro, como os proprietários de fábricas eram para o proletariado.

O precariado enfrenta sistemas descentralizados, corporações globais e algoritmos opacos, que complicam a identificação de alvos de resistência.

7.3. Possibilidades na Era Digital

Apesar destes desafios, o capitalismo digital também oferece oportunidades inéditas para a organização do precariado.

As redes sociais, plataformas digitais e tecnologias emergentes podem ser ferramentas poderosas para mobilização e consciencialização:

- **Movimentos globais descentralizados:** Plataformas como Reddit, Twitter e Discord permitem que trabalhadores precarizados compartilhem experiências e organizem greves globais, como as lideradas por motoristas de aplicativos;
- **Sindicalismo digital:** Organizações como a Gig Workers Collective utilizam tecnologia para defender os direitos de trabalhadores em plataformas como Uber e Amazon. Estas iniciativas mostram que o sindicalismo pode ser reinventado na era digital;
- **Ferramentas de vigilância reversa:** Shoshana Zuboff, em *The Age of Surveillance Capitalism (2019)*, argumenta que o uso consciente de dados e tecnologias pode permitir que os trabalhadores entendam melhor as dinâmicas de exploração a que estão submetidos.

Estas possibilidades indicam que, embora o precariado enfrente desafios únicos, ele também dispõe de ferramentas para se organizar de forma inovadora.

7.4. Exemplos de Mobilização do Precariado

Alguns movimentos recentes mostram como o precariado pode organizar-se em torno de exigências comuns, mesmo diante da sua fragmentação:

- **Amazon Workers Union (EUA):** Trabalhadores da Amazon têm organizado greves e protestos para exigir melhores condições de trabalho e salários justos;
- **Just Eat Riders (Europa):** Ciclistas e entregadores têm-se mobilizado contra a precarização imposta por plataformas de delivery, exigindo direitos de consumidores básicos;
- **#DeleteUber Campaign (Global):** Uma campanha de boicote em redes sociais contra a Uber destacou as práticas exploratórias da empresa, pressionando por mudanças.

Estes exemplos sugerem que, embora a luta do precariado seja mais dispersa, ela não é impossível.

7.5. Exigências Centrais do Precariado

A organização do precariado frequentemente concentra-se em exigências específicas, incluindo:

- **Rendimento Básico Universal (UBI):** Defendida por Guy Standing como uma rede de segurança para os trabalhadores precarizados, o RBU oferece estabilidade num contexto de instabilidade crónica;
- **Transparência algorítmica:** Christian Fuchs (*Digital Labour and Karl Marx, 2014*) enfatiza a importância de regulamentar o uso de algoritmos para garantir justiça no trabalho mediado por plataformas;
- **Direitos dos trabalhadores digitais:** Exigências por contratos justos, acesso a benefícios e proteção contra demissões arbitrárias são centrais para a luta do precariado.

Estas exigências refletem a realidade única do trabalho digital, mas também destacam pontos de convergência com o proletariado industrial.

7.6. Limites Estruturais e Oportunidades Futuras

Embora as condições do precariado sejam desafiadoras, algumas tendências sugerem que ele pode tornar-se uma força política relevante:

- **Reestruturação sindical:** Novas formas de sindicalismo, como redes horizontais e coletivos virtuais, podem superar as limitações tradicionais das organizações de trabalhadores;
- **Políticas públicas inclusivas:** A adoção de políticas que protejam os direitos dos trabalhadores precarizados, como a regulação de plataformas digitais, pode criar um terreno mais favorável para a organização;
- **Consciência de classe digital:** À medida que os trabalhadores compreendem melhor como são explorados por plataformas e algoritmos, a formação de uma consciência coletiva torna-se mais viável.



7.7. Conclusão

A organização do precariado é um desafio significativo no capitalismo digital, mas também apresenta oportunidades inéditas.

Embora fragmentado e vulnerável, o precariado tem potencial para se mobilizar em torno de exigências específicas, utilizando as mesmas ferramentas digitais que o capitalismo emprega para a explorar.

Como argumenta David Harvey, o capitalismo cria os seus próprios coveiros e o precariado pode emergir como um novo agente de transformação social, desde que consiga superar as suas barreiras estruturais e articular as suas lutas à escala global.



Referências Fundamentais

Standing, Guy. *The Precariat: The New Dangerous Class*.

Harvey, David. *Seventeen Contradictions and the End of Capitalism*.

Zuboff, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism*.

Fuchs, Christian. *Digital Labour and Karl Marx*.

Bauman, Zygmunt. *Liquid Modernity*.

Sennett, Richard. *The Corrosion of Character*.

8. Respostas Filosóficas e Políticas à Nova Acumulação Primitiva

A transposição do conceito de acumulação primitiva para o contexto da era digital exige respostas filosóficas e políticas adaptadas aos novos modos de exploração e apropriação.

Este ponto explora as interpretações contemporâneas do fenómeno, apresentando alternativas teóricas e práticas para enfrentar a concentração de poder e recursos no capitalismo digital.

Enquanto algumas respostas apontam para a regulamentação estatal e a redistribuição de riquezas, outras defendem a reestruturação total das bases económicas e sociais do capitalismo.



8.1. A Perspetiva Filosófica: A Ética da Acumulação na Era Digital

Filósofos contemporâneos como Byung-Chul Han e Shoshana Zuboff argumentam que a acumulação primitiva moderna não se dá apenas sobre bens materiais, mas também sobre aspetos intangíveis como dados pessoais, atenção e criatividade:

- **Byung-Chul Han:** Em *Psicopolítica (2014)*, Han explora como o capitalismo digital transforma a exploração em autoexploração, minando as bases tradicionais de resistência. Ele argumenta que a acumulação primitiva agora se dá por meio do “consentimento inconsciente,” onde utilizadores voluntariamente cedem os seus dados em troca de conveniência;
- **Shoshana Zuboff:** Em *The Age of Surveillance Capitalism (2019)*, Zuboff descreve como a extração de dados pessoais representa uma nova forma de acumulação primitiva, construída sobre a apropriação dos comportamentos humanos. Ela critica a falta de transparência e defende uma nova ética para proteger a autonomia dos indivíduos.

Estes autores enfatizam a necessidade de uma ética coletiva e de políticas públicas que enfrentem a alienação e exploração digitais.

8.2. Respostas Políticas: Regulação, Redistribuição e Descentralização

A partir de uma perspectiva política, várias correntes propõem soluções para enfrentar a nova acumulação primitiva.

Regulação e Controlo Estatal

- **Transparência Algorítmica:** Filósofos como Christian Fuchs (*Digital Labour and Karl Marx*, 2014) defendem regulamentações que garantam a transparência no uso de algoritmos e a redistribuição dos lucros gerados pelo trabalho digital;
- **Regulação de Monopólios:** Políticos como Elizabeth Warren e teóricos como Mariana Mazzucato (*The Entrepreneurial State*, 2013) argumentam que o poder concentrado em corporações digitais deve ser combatido por meio de políticas anti-truste.

Redistribuição de Riquezas

- **Rendimento Básico Universal (UBI):** Guy Standing sugere a UBI como uma medida para compensar a instabilidade económica do precariado, financiada por impostos sobre grandes corporações tecnológicas;
- **Taxação de Dados:** Zuboff propõe a criação de impostos sobre o uso de dados pessoais como uma forma de redistribuir os ganhos do capitalismo de vigilância.

Descentralização e Autonomia

- **Movimentos Tecnológicos Descentralizados:** Plataformas baseadas em blockchain, como as defendidas por teóricos da economia digital, oferecem uma alternativa ao controlo centralizado de grandes corporações. Elas permitem que os utilizadores mantenham a propriedade dos seus dados e participem diretamente dos lucros gerados pela sua produção digital;
- **Economias Cooperativas:** Experiências como cooperativas digitais, onde os trabalhadores possuem e controlam plataformas de trabalho, representam alternativas viáveis ao modelo tradicional de exploração capitalista.

8.3. Movimentos Sociais e a Resistência do Precariado

Além de soluções filosóficas e políticas, movimentos sociais emergem como respostas práticas à nova acumulação primitiva:

- **Greves Digitais:** Trabalhadores de plataformas como a Uber e a Amazon organizaram greves globais, chamando a atenção para condições de trabalho precarizadas e exigindo reformas;
- **Campanhas de Consumo Ético:** Organizações como Fairwork avaliam a ética de plataformas digitais, incentivando os consumidores a escolher empresas que respeitem os direitos dos trabalhadores;
- **Hacktivismo e Cultura Digital:** Movimentos como o Anonymous e projetos de código aberto resistem ao domínio corporativo por meio da criação de ferramentas livres e da denúncia de práticas exploratórias.

Estes movimentos refletem a capacidade do precariado de se organizar, mesmo num ambiente fragmentado.

8.4. Limitações e Possibilidades das Respostas Contemporâneas

Embora diversas respostas tenham sido propostas, elas enfrentam desafios estruturais significativos:

- **Resistência Corporativa:** Corporações globais, com vastos recursos económicos e influência política, frequentemente dificultam a implementação de regulamentações significativas;
- **Fragmentação do Precariado:** Como mencionado por Standing, a diversidade e dispersão da nova classe explorada dificultam a criação de uma identidade de classe coesa;
- **Globalização Desigual:** Soluções locais muitas vezes são insuficientes para enfrentar problemas globais, como a exploração transnacional de mão de obra e dados.

Por outro lado, a natureza dinâmica e inovadora do capitalismo digital também abre novas possibilidades:

- **Tecnologias de Resistência:** Ferramentas digitais podem ser usadas para descentralizar o poder económico e aumentar a transparência;

- **Internacionalismo Digital:** Movimentos como #MeToo e Fridays for Future mostram como as plataformas digitais podem conectar lutas locais numa escala global;
- **Novos Paradigmas Económicos:** Ideias como o decrescimento económico, defendidas por pensadores como Jason Hickel (*Less Is More*, 2020), questionam as bases do capitalismo e propõem alternativas mais sustentáveis e justas.

8.5. Conclusão: Repensando a Resistência

As respostas filosóficas e políticas à nova acumulação primitiva precisam de ir além das soluções tradicionais do século XIX.

A era digital exige uma reimaginação das formas de resistência, incorporando elementos tecnológicos, sociais e éticos.

Como David Harvey aponta, o capitalismo reinventa-se constantemente, mas também gera as condições para a sua superação.

O desafio contemporâneo é transformar o precariado numa força capaz de enfrentar as novas formas de exploração e criar um sistema mais equitativo e sustentável.

Referências Fundamentais

Han, Byung-Chul. Psicopolítica: O Neoliberalismo e as Novas Técnicas de Poder.

Zuboff, Shoshana. The Age of Surveillance Capitalism.

Standing, Guy. The Precariat: The New Dangerous Class.

Fuchs, Christian. Digital Labour and Karl Marx.

Mazzucato, Mariana. The Entrepreneurial State.

Harvey, David. Seventeen Contradictions and the End of Capitalism.

Hickel, Jason. Less Is More: How Degrowth Will Save the World.

9. A Nova Alienação e o Potencial Emancipatório

A alienação, conceito central na teoria de Marx, descreve o processo pelo qual o trabalhador se separa dos frutos do seu trabalho, dos outros e de si mesmo.

Na era digital, este conceito adquire novas dimensões à medida que a alienação se expande para o intangível — como dados, atenção e criatividade.

Contudo, os mesmos avanços tecnológicos que exacerbam esta alienação também oferecem potenciais caminhos para a emancipação.

Este ponto explora a alienação digital e os instrumentos para a superar, dialogando com pensadores clássicos e contemporâneos.

9.1. Alienação no Capitalismo Digital

A alienação no capitalismo industrial estava enraizada na separação entre o trabalhador e os meios de produção.

No capitalismo digital, a alienação é redefinida.

Alienação dos Dados

Como apontado por Shoshana Zuboff em *The Age of Surveillance Capitalism* (2019), os indivíduos, ao interagirem com plataformas digitais, tornam-se simultaneamente produtores e produtos.

Os seus dados são recolhidos, analisados e comercializados sem consentimento efetivo, criando uma nova forma de alienação.

Esta apropriação transforma a intimidade humana num recurso económico, rompendo a conexão entre o sujeito e a sua própria subjetividade.

Alienação da Atenção

Byung-Chul Han, em *Sociedade do Cansaço* (2010), destaca como o capitalismo digital explora a atenção humana como um recurso finito, promovendo uma hiperconectividade que leva ao esgotamento mental.

Os indivíduos tornam-se alienados do seu próprio tempo e foco, transformados em consumidores passivos de estímulos incessantes.

Alienação do Trabalho Criativo

No modelo das plataformas digitais, como aponta Nick Srnicek em *Platform Capitalism* (2017), a criatividade do trabalhador (freelancers, criadores de conteúdo, motoristas de aplicativo) é mediada por algoritmos que definem o valor do seu trabalho, aprofundando a separação entre o trabalhador e o controle da sua produção.

9.2. O Potencial Emancipatório das Novas Tecnologias

Paradoxalmente, as mesmas tecnologias que ampliam a alienação oferecem instrumentos para a emancipação.

Propriedade Coletiva dos Dados

Pensadores como Evgeny Morozov defendem a necessidade de infraestruturas digitais públicas ou coletivas que protejam os dados pessoais contra a apropriação privada, devolvendo aos indivíduos o controle sobre suas informações.

Experiências em tecnologias baseadas em blockchain oferecem modelos para a propriedade descentralizada dos dados, permitindo que os utilizadores participem nos lucros gerados pelas suas interações digitais.

Democratização do Conhecimento

O acesso ampliado à educação e à informação por meio da internet pode dar poder aos trabalhadores e consumidores, ajudando-os a compreender e resistir às dinâmicas exploratórias.

Como apontou Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1968), a conscientização é um passo essencial para a transformação social.

Redes de Solidariedade Digital

Plataformas colaborativas, como redes sociais ou cooperativas digitais, permitem que trabalhadores e consumidores se organizem à escala global.

Exemplos incluem os movimentos de trabalhadores de plataformas, como o Gig Workers Rising, que utilizam as mesmas ferramentas digitais que os exploram para coordenar ações de resistência.

9.3. Superação da Nova Alienação

A superação da nova alienação exige uma combinação de estratégias éticas, políticas e económicas que questionem as bases do capitalismo digital.

Autonomia Tecnológica

David Harvey, em *Seventeen Contradictions and the End of Capitalism* (2014), argumenta que a inovação tecnológica pode ser direcionada para a emancipação coletiva, desde que seja democratizada e desvinculada da lógica de lucro.

Resgate da Subjetividade

Byung-Chul Han propõe uma “revolução silenciosa” contra o excesso de estímulos, enfatizando a importância de reconectar os indivíduos consigo mesmos por meio da contemplação e da desaceleração.

Em paralelo, a psicanálise política de Félix Guattari (*As Três Ecologias*, 1989) sugere que a emancipação requer uma reconexão entre a subjetividade humana, o ambiente social e o ecológico.



9.4. O Papel do Precariado na Emancipação

Como nova classe explorada, o precariado desempenha um papel essencial na luta contra a alienação digital.

Consciencialização Coletiva

A consciencialização das condições de exploração digital é o primeiro passo para a mobilização.

Guy Standing, em *The Precariat: The New Dangerous Class* (2011), destaca a necessidade de criar narrativas que unam as diversas frações do precariado.

Ação Direta e Redes Globais

Movimentos como o Amazon Workers Union mostram que, mesmo em condições fragmentadas, o precariado pode articular exigências específicas e exercer pressão política.

Criação de Novos Paradigmas

O precariado, por estar situado no centro das contradições do capitalismo digital, tem a oportunidade de liderar o desenvolvimento de alternativas económicas e sociais, como cooperativas digitais e sistemas baseados em economia solidária.

9.5. Conclusão: Alienação e Emancipação no Século XXI

A nova alienação gerada pelo capitalismo digital é profunda e multifacetada, mas não é insuperável.

As mesmas tecnologias que intensificam a exploração também contêm o potencial para a emancipação.

Como Karl Marx destacou em *O Capital*, “os germes do futuro estão contidos no presente”.

A tarefa contemporânea é identificar e cultivar esses germes, utilizando as ferramentas digitais para construir uma sociedade onde os frutos do trabalho humano, físico ou digital, sejam partilhados equitativamente.



Referências Fundamentais

Marx, Karl. *O Capital*.

Zuboff, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism*.

Han, Byung-Chul. *Psicopolítica e Sociedade do Cansaço*.

Srnicek, Nick. *Platform Capitalism*.

Harvey, David. *Seventeen Contradictions and the End of Capitalism*.

Standing, Guy. *The Precariat: The New Dangerous Class*.

Guattari, Félix. *As Três Ecologias*.

Mazzucato, Mariana. *The Value of Everything*.

Morozov, Evgeny. *The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom*.

Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*.

10. Conclusão: A Atualidade e a Expansão da Acumulação Primitiva

A acumulação primitiva, descrita por Karl Marx como o processo histórico que precedeu e sustentou o surgimento do capitalismo, permanece central para a compreensão das dinâmicas do capitalismo contemporâneo.

Hoje, este conceito não só mantém a sua relevância, como também se expande para novos domínios, principalmente no contexto da era digital e da inteligência artificial.

Esta conclusão sintetiza as discussões anteriores e argumenta que a acumulação primitiva não é um evento histórico isolado, mas uma dinâmica recorrente e essencial ao funcionamento do capitalismo, agora amplificada pela tecnologia.



10.1. A Persistência e a Expansão da Acumulação Primitiva

Marx identificou a acumulação primitiva como a separação dos produtores diretos dos meios de produção, criando uma classe trabalhadora dependente do capital para sobreviver.

No entanto, o capitalismo contemporâneo transformou a natureza do que é expropriado e como, entre outras das seguintes formas:

Do Material ao Intangível

A terra e os recursos naturais, objetos centrais da acumulação primitiva no capitalismo agrário e industrial, foram substituídos ou complementados por dados, conhecimento e tempo humano.

Como Shoshana Zuboff argumenta em *The Age of Surveillance Capitalism* (2019), o capitalismo atual é sustentado pela apropriação de dados pessoais e comportamentais, usados para prever e influenciar ações futuras, criando uma nova forma de “cerca digital.”

A Intensificação da Desposseção

No capitalismo digital, trabalhadores e consumidores não só perdem controle sobre os seus dados e criatividade, mas também sobre aspectos mais profundos da sua subjetividade.

David Harvey (*Seventeen Contradictions and the End of Capitalism*, 2014) aponta que o processo de acumulação não se limita mais à propriedade física, mas inclui a mercantilização de relações sociais, emoções e experiências.

10.2. A Nova Alienação e a Criação do Precariado

A classe trabalhadora do século XXI, muitas vezes identificada como o precariado, vive sob as condições da nova acumulação primitiva:

Precariedade Estrutural

Guy Standing, em *The Precariat: The New Dangerous Class* (2011), argumenta que o precariado vive numa situação de insegurança económica e social crónica, sendo explorado por meio de plataformas digitais que mediam trabalho de forma despersonalizada e desregulada.

Este processo é alimentado por algoritmos que organizam o mercado de trabalho e expropriam o controlo que os trabalhadores tinham sobre as suas condições laborais.

Consolidação do Poder Corporativo

Empresas de tecnologia, como a Google, a Amazon e a Meta, ampliam o poder de grandes corporações, operando como novos “senhores feudais” numa economia digital.

Evgeny Morozov sugere que estas corporações criaram “infraestruturas de despossessão”, cercando o comum digital e restringindo o acesso às ferramentas de produção e comunicação.

10.3. Potencial Emancipatório e Caminhos Alternativos

Apesar do aprofundamento da exploração, a era digital também apresenta oportunidades inéditas de emancipação.

Eia algumas:

Tecnologia como Ferramenta de Libertação

Mariana Mazzucato, em *The Value of Everything* (2018), argumenta que o estado pode redirecionar a tecnologia para o bem público, criando infraestruturas que deem poder ao precariado em vez de o explorar.

A democratização de tecnologias como blockchain pode facilitar a propriedade coletiva e a redistribuição dos frutos da produção digital.

A Reconquista do Comum Digital

Movimentos sociais globais propõem alternativas como a regulamentação de grandes plataformas e a criação de espaços digitais públicos e cooperativos, onde os trabalhadores possam partilhar os benefícios da sua produção.

Novas Formas de Organização

As condições digitais possibilitam que o precariado se organize à escala global, articulando movimentos como o Gig Workers Rising ou iniciativas sindicais digitais.

10.4. O Capitalismo Digital e a Continuidade da Contradição

O capitalismo digital intensifica as contradições identificadas por Marx:

A Contradição Entre Produção e Apropriação

Como Marx argumentou em *O Capital*, o capitalismo gera riquezas sociais que não são distribuídas equitativamente.

Hoje, as plataformas digitais dependem de uma produção coletiva (dados, interação, criatividade), mas a apropriação dos lucros permanece concentrada em poucas corporações.

A Expansão da Exploração

O trabalho invisível (criação de conteúdo, interações em redes sociais) é monetizado pelas empresas digitais, enquanto os criadores permanecem alienados dos frutos do seu trabalho.

Este processo replica a separação marxista entre o trabalhador e os meios de produção.

10.5. Repensar a Acumulação Primitiva no Século XXI

O conceito de acumulação primitiva, longe de estar obsoleto, é mais relevante do que nunca.

A sua expansão para o digital revela:

A Natureza Recorrente do Capitalismo

A acumulação primitiva não é apenas um ponto de origem, mas um processo constante que se reinventa para sustentar o capitalismo em novos contextos históricos.

A Necessidade de Resistência e Regulação

A regulação das plataformas digitais, a recuperação do controle sobre dados pessoais e a criação de alternativas cooperativas são passos essenciais para enfrentar as novas formas de acumulação.

A Construção de uma Nova Consciência de Classe

O precariado pode tornar-se o sujeito histórico central de uma nova luta emancipatória, articulando resistências que reimaginam a relação entre trabalho, tecnologia e sociedade.

10.6. Conclusão Geral

A acumulação primitiva, como identificada por Marx, permanece essencial para a análise do capitalismo contemporâneo.

No entanto, o capitalismo digital e a inteligência artificial ampliaram e transformaram este conceito, deslocando a exploração para novos domínios.

Apesar disso, como Marx sugeriu, as sementes da emancipação estão contidas no próprio sistema.

Cabe à sociedade contemporânea cultivar estas sementes, utilizando as ferramentas digitais para reverter a despossessão e construir um futuro mais justo e equitativo.



Referências Fundamentais

Marx, Karl. *O Capital*.

Zuboff, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism*.

Harvey, David. *Seventeen Contradictions and the End of Capitalism*.

Standing, Guy. *The Precariat: The New Dangerous Class*.

Mazzucato, Mariana. *The Value of Everything*.

Morozov, Evgeny. *The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom*.

Srnicek, Nick. *Platform Capitalism*.

Byung-Chul Han. *Sociedade do Cansaço*.

Revisitar a Acumulação Primitiva na Era da Inteligência Artificial

